

CUCA - um caldeirão para ferver a cultura

SEVERINO FRANCISCO

«Sempre foram os poetas e visionários que fizeram a história. Sem essa de fatos!». A voz vem da garganta de Abel Silva, poeta/letrista, parceiro musical de Fagner e Sueli Costa. Poetas, profetas e visionários gravaram muitos sonhos (em alto relevo) no coração de Brasília. Um deles é o de que a cidade seria um dia o «terreiro fundamental» de uma cultura nova — um nova forma de sentir/criar/viver.

Alguma coisa tem acontecido nas asas, superquadradas, eixos e dablus subterrâneos da cidade. Mas a verdade é que, depois de 20 anos de existência, Brasília continua sendo capital da esperança — até quando? Foi a partir dessa indagação que criadores, jornalistas, intelectuais universitários e pessoas interessadas resolveram criar um movimento que organizasse e desse vazão a todas as pulsações do Plano-Piloto-Satélite, investir e capitalizar no PIB (Potencial de Inventividade Bruta) do Cerrado.

CUCA

Desses encontros nasceu o Cuca — Movimento pela Dinamização da Cultura Candanga. A idéia básica é que ele seja um «cadeirão» amplo, geral e irrestrito das tendências culturais do planalto, que tenham algo a contribuir para a cidade. Por isso, hoje, às 15 horas, no Auditório do Besc, no Edifício Presidente Dutra (SCS), acontecerá uma reunião para a qual todos os interessados estão convidados a participar. Pois o Cuca não tem dono — é da cidade como o céu é do avião. O professor e crítico de arte Rogério Rodrigues fala sobre o movimento:

«E mais uma tentativa feita por pessoas preocupadas em realizar a cultura em Brasília a fim de, entre outras coisas, fazer aqui uma proposta que nos livre da dependência do Eixo cultural Rio/São Paulo, na medida em que se desenvolva um mapeamento de todo o potencial de

criatividade na cidade. Compreendendo o conceito de cidade a idéia de uma maior integração entre Plano Piloto e cidades-satélites».

Dentro dessa proposta, estão sendo chamadas todas as pessoas que tenham alguma colaboração a dar. «Vamos conversar com estas pessoas que nestes 20 anos de Brasília vêm tentando motivar aquilo que se poderia chamar de cultura candanga, para daí tirar um plano de trabalho», explica Rogério.

Tentativas como a do Cuca — de aglutinar e organizar manifestações culturais esparsas de Brasília — não são inéditas na cidade. Por isso, quando se toca no assunto, muita gente já fica com um pé atrás. Mas, parece que com o Cuca a coisa será diferente, ou não? ...

O fato é que já tem muita gente trabalhando em um «mapeamento» da cultura candanga, abrangendo as áreas de Artes Plásticas, Música, Teatro e Cinema. O artista plástico Byron de Quevedo fala sobre os planos de trabalho do seu campo de ação: «A gente quer fazer o mapeamento do ponto de vista mais simples. Nós queremos saber quem e o que as pessoas estão realizando. No segundo Salão de Artes Plásticas das cidades-satélites, a gente viu muita coisa coincidente nas suas propostas, sem que houvesse nenhuma contato entre as pessoas. Então, que venha todo mundo mostrar seu trabalho. Queremos criar o espírito de que nós, artistas plásticos, produzimos uma coisa útil».

ARTES PLÁSTICAS

Dentro da proposta da se articular um trabalho integrado entre as várias manifestações culturais da cidade, Núcleo de Artes Plásticas pretende colaborar, através da confecção de cartazes para shows e outros trabalhos de criação gráfica na divulgação.



A idéia básica do Cuca é que ele seja um «caldeirão» amplo, geral e irrestrito de tendências culturais

O Cuca já está trabalhando também no sentido de fazer um levantamento de todos os espaços da criatividade ociosos em Brasília — e que algumas pessoas adiantam se constituem uma rede de salas surpreendentemente grande. O primeiro espaço a merecer atenção do movimento é o Cine Cultura, que permanece inativo e com uma pendência judicial envolvendo a Terracap, a Secretaria da Viação e Obras e a Empresa Cinematográfica Sá Pinto:

«Está surgindo um momento em que o Cine Cultura precisa ser retomado para a Fundação Cultural. Na sua entrada, existe uma galeria dos trópicos — com uma luminosidade fantástica, fala Byron. Tanto o público que passa na rua, quanto o

Alinhados são os que não se enquadram em nenhum desses grupos» explica Vera. «A gente fez esta divisão, para facilitar o mapeamento, pois consta que existem em Brasília 1965 músicos inscritos na Ordem dos Músicos e nem todo mundo continua em Brasília».

Além do mapeamento, ou a partir da sua elaboração, o núcleo tem a intenção de promover feiras com a música sertaneja, a música nordestina, e outros gêneros do planalto, bem como realizar uma avaliação crítica dos festivais e demais acontecimentos musicais levados na cidade. «Acho que dentro disso tudo, o mais importante é criar um circuito Plano Piloto-cidades-satélites, para dar vazão a isso tudo em termos mais gerais», comenta Rênio.

Muita gente diz também que Brasília será um dia a capital brasileira da poesia. Se ela ainda não chegou a tanto, ao menos uma coisa parece certa — a cidade certamente já é a capital nacional dos poetas. Nunca se escreveu tanta poesia e se publicou tantos livros. Os poetas estão em toda parte estão também no Cuca — querendo «fazer a cabeça» de Brasília.

«Nós queremos conquistar espaço para a poesia — mercado. Queremos sobreviver de poesia. Até hoje, nenhum poeta conseguiu isso, porque não tem resistência física. A gente já vem trabalhando independente de Cuca do Projeto Cultural Brasília ou não. Cuca é apenas mais uma frente que se abre (Abracadabra — palavra — sem essa de núcleo)», fala o poeta Nicolas Beher.

Além da batalha para botar o produto poesia no mercado, os poetas querem formar uma biblioteca «cadanga». «Formar a memória cultural de Brasília», emenda o poeta Paulo Tovar.

TEATRO E CINEMA

O teatro já foi o espaço de maior efervescência dentro da cultura da

cidade, mas hoje se encontra disperso, nos trabalhos individuais de 42 grupos (alguns deles bissextos), do Plano Piloto e cidades-satélites. A atriz Sônia Borges, da área de teatro fala das perspectivas que podem ser abertas através de um trabalho no Cuca. «Esta perspectiva irá surgindo, na medida em que se identifiquem esses problemas, porque os grupos trabalham muito dispersos. Por exemplo, às vezes os grupos precisam reservar um espaço no Teatro Galpão com um ano de antecedência, quando na cidade existem inúmeras salas ociosas. E, a partir do mapeamento, será possível uma maior discussão dos trabalhos a nível de linguagem».

Além disso, Sônia faz uma indagação: «A gente espera que a Escola de Teatro da Dulcina de Moraes que vai ser inaugurada possa servir para dinamizar o processo cultural de Brasília, efetivamente».

O cinema candango já vem se firmando há muito tempo e tem uma história que começou com Paulo Emílio Salles Gomes, Nelson Pereira dos Santos e Jean Claude Bernadeth. Algumas propostas já estão em andamento nos trabalhos do Cuca: aproveitar todo o esforço que vem sendo feito na área do cineclubismo, fazer um levantamento de todos os filmes realizados em Brasília, desde a sua Fundação. «Queremos relacionar todo o material que existe. Traçar uma história dos cursos de cinema que aconteceram na universidade e verificar estes trabalhos. Avaliar melhor as razões que impediram a criação de um núcleo de cinema, através do curso da UnB, que em determinado momento se propôs razão pela qual trouxe Paulo Emílio Salles Gomes, Nelson Pereira dos Santos, Maurice Coopovilla».

Completa Rogério Rodrigues: «O trabalho de pesquisa do núcleo de cinema será publicado em um livro, num primeiro ensaio para a documentação da história do cinema candango que está se fazendo, mas ainda não possui um registro».